

UM OUTRO URBANO POSSÍVEL

Experiências projetuais em Arquitetura e Urbanismo

ANOTHER POSSIBLE URBAN
Projects experiences in Architecture and Urbanism

Luana Pavan Detoni¹

Resumo

Este ensaio tem o objetivo de apresentar experiências projetuais em arquitetura e urbanismo que se apropriam e valorizam um outro urbano. Para tal, foram selecionados três Trabalhos Finais de Graduação (TFG) em Arquitetura e Urbanismo, também denominados como Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), com diferentes contextos de urbanização, a partir da análise como membro da banca avaliadora interna e externa às instituições. A reflexão teórico-metodológica busca agenciar o conceito de *literatura menor* dos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari, e o deslocamento proposto por Silvio Gallo com a *educação menor*; de modo a movimentar, *desterritorializar* e *retorrializar* a noção de literatura para a materialidade do mirkropolitano; assim como, aproximar o campo da Educação à área do conhecimento em Arquitetura e Urbanismo. Como resultado destaca-se a potência de aprender e ensinar com e para as pequenas cidades e localidades, a fim de fomentar um outro urbano possível.

Palavras-chave: arquitetura e urbanismo, pequenas cidades, pequenas localidades, experiências projetuais, trabalho final de graduação.

Abstract

This essay aims to present projects experiences in architecture and urbanism that appropriate and value an urban other. To this end, some undergraduate academic works in Architecture and Urbanism, also known final work degrees, with different contexts of urbanization, were selected from the analysis as a member of the internal and external evaluation board of the institutions. Theoretical-methodological reflection seeks to approach the concept of minor literature of the philosophers Gilles Deleuze and Félix Guattari, and the displacement proposed by Silvio Gallo with the minor education; in order to move, that is, to deterritorialize and retorialize, the notion of literature for the materiality of small towns and localities; also, approximate the field of Education to the area of knowledge in Architecture and Urbanism. As a result, the power of learning and teaching with and for small towns and localities stands out, in order to foster an urban other as possible.

Keywords: architecture and urbanism, small towns, small localities, project experiences, final work degree.

¹ Graduada e mestre em Arquitetura e Urbanismo (UFPEL). Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional (UFRGS) e bolsista CAPES. Desenvolve pesquisas na área de Arquitetura e Urbanismo e do Planejamento Urbano e Regional, com foco nas Cidades Pequenas, vinculada aos Grupos de Pesquisa: Mikripoli - Rede de Pesquisadores de Pequenas Cidades e Cidade+Contemporaneidade.

Introdução

Os estudos sobre a urbanização brasileira destacam inicialmente o contexto metropolitano. Fato que resulta na proposta das Regiões Metropolitanas estabelecidas pela Lei Complementar nº 14 em 1973, atualmente regulamentadas pelo Estatuto da Metrópole (Lei nº 13.089/2015). Nesse escopo, também é criado o *Observatório das Metrópoles*², em 1980, que hoje conta com 16 núcleos no país e vem realizando pesquisas sobre os desafios do planejamento urbano e regional nesses territórios. Em um momento mais recente, entra em pauta a pertinência dos estudos sobre as cidades médias, devido à pulsão de suas dinâmicas econômicas e demográficas. Esse urbano é evidenciado pelas pesquisas e publicações da *Recime – Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias*³, instituída formalmente em 2006, frente à hegemonia da literatura que tem como base as áreas urbanas das grandes cidades e metrópoles, dada sobretudo pela histórica concentração das universidades nesses locais, que coincidem com a faixa litorânea do país.

Diante de tal contexto, observa-se que os estudos sobre o urbano das pequenas cidades e localidades ainda se encontram à margem. Uma vez que estes espaços são compreendidos como *locais*⁴, ou seja, sem influência regional; também por apresentarem uma urbanização com escassa dinâmica econômica e demográfica, às vezes nula ou até mesmo negativa. Contudo, esse outro urbano tem importância pois configura predominantemente o território nacional, por exemplo, aproximadamente 70%, dos 5.568 municípios brasileiros, têm população (urbana e rural) abaixo de 20.000 habitantes, alcançando 90% se considerada a população até 50.000 (IBGE, 2021). A lacuna existente na literatura sobre esses territórios, que abrigam múltiplos modos de vida no país, tem sido enfrentada majoritariamente por pesquisadores da área da Geografia, como observado nos *Simpósios Nacionais sobre Cidades Pequenas (SINAPEQ)*⁵ e na formação da *Mikripoli – Rede de Pesquisadores sobre Cidades Pequenas*⁶.

Nesse sentido, o presente ensaio emerge da necessidade de refletir sobre a atualização dos estudos das pequenas cidades e localidades, especialmente na área de Arquitetura e Urbanismo. Assim como visto no cenário dos estudos da urbanização nacional, esta área em específico também tem dedicado a maior parte dos seus esforços no enfrentamento dos problemas fruto do adensamento demográfico, como o déficit habitacional, as demandas de infraestruturas e estratégias de mobilidade, entre outras questões. Em outras palavras, busca atender predominantemente as demandas do capital, que está concentrado nas áreas urbanas metropolitanas e das grandes e médias cidades. Apesar disso, nos últimos anos é notória a relevância de trabalhos em Arquitetura e Urbanismo que se apropriam e valorizam uma outra face do urbano, o mirkropolitano⁷. Sendo a experiência em Conde na Paraíba, durante o mandato da prefeita Márcia Lucena (2017-2020), um importante marco do poder local. Destaca-se que, nesse período, foram realizados serviços de zoneamento, cadastro e assistência técnica, estes vinculados à participação popular possibilitaram o desenvolvimento

² Ver mais em: <https://www.observatoriodasmetrolopes.net.br/>

³ Ver mais em: <https://recime.com.br/>

⁴ O conceito de *cidade local* elaborado por Milton Santos (1979) corresponde ao espaço urbano de subsistência, relacionadas ao limiar de densidade populacional, níveis de renda e de consumo devem "responder às necessidades vitais mínimas, reais ou criadas, de toda uma população, função esta que implica uma vida de relações" (SANTOS, 1979, p. 71).

⁵ Realizado desde 2008, em 2022 ocorreu sua sexta edição. Anais disponíveis em: <https://issuu.com/mikripoli>

⁶ Ver mais em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/748295>

⁷ Do grego *mikri* (pequena) e *poli* (cidade), expressão cunhada pela Rede de Pesquisadores sobre Cidades Pequenas e que dá origem ao nome do grupo de pesquisa CNPq (MIKRIPOLI, 2021).

territorial da pequena cidade (TAVARES et al., 2022).

No âmbito acadêmico, registra-se um aumento das pesquisas sobre as pequenas cidades na última década, e a área da Arquitetura e Urbanismo corresponde à terceira com mais produções de teses e dissertações no Brasil, antecedida pela Geografia e pelo Planejamento Urbano e Regional (NEVES; FARIA, 2020). Recentemente, a *Pixo – Revista de Arquitetura e Urbanismo*, recebeu um expressivo número de trabalhos (artigos, ensaios, resenhas, paredes brancas e entrevista) na chamada temática sobre as *Pequenas Cidades: capturas diversas acerca desses espaços e experiências do menor*, que resultou em dois volumes: Pequenas Cidades I e Pequenas Cidades II (ENDLICH; DETONI, 2021; 2022). Quanto às atividades de ensino, é possível observar o fomento da percepção desse outro urbano, tão singelo quanto complexo, em disciplinas da graduação dos cursos de Arquitetura e Urbanismo. Como por exemplo, na disciplina de Planejamento Urbano, na Universidade Federal de Pelotas, que vem atuando junto a projetos de extensão em pequenas cidades e localidades da Região Sul do Estado do Rio Grande do Sul⁸; e na disciplina de Sistemas de Informações Geográficas em Urbanismo, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, cujo exercício didático busca simular a contratação do estudante como arquiteto da prefeitura de uma pequena cidade (RORATO et al., 2022).

Também é significativo o aumento do contexto das pequenas cidades e localidades nos Trabalhos Finais de Graduação (TFG) em Arquitetura e Urbanismo, denominados por algumas instituições como Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC). A partir desse escopo, foram selecionados três trabalhos com base na análise enquanto membro da banca avaliadora interna e externa às instituições. Ressalta-se que através dos trabalhos com diferentes contextos de urbanização, este ensaio tem como objetivo apresentar experiências projetuais em arquitetura e urbanismo que se apropriam e valorizam um outro urbano. A fim de estabelecer uma reflexão teórico-metodológica, são agenciados o conceito de *literatura menor* dos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari (2014), e o deslocamento proposto por Silvio Gallo (2008) com a *educação menor*. Desse modo, é explorada a potência do *menor* nas práticas de arquitetura e urbanismo.

Literatura menor e educação menor

Refletir teoricamente sobre as pequenas cidades e localidades rompe com a hegemonia dos estudos em Arquitetura e Urbanismo, desse modo tal ação reverbera em questões da filosofia da educação, no que tange os processos metodológicos de ensino e aprendizagem, e demanda o despertar de conceitos que possam fomentar a desconstrução e reconstrução de saberes. Nessa perspectiva, tem sido utilizado com certa frequência o conceito de *literatura menor* dos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari, apresentado na obra *Kafka: por uma literatura menor* (2014), publicado originalmente em 1975. Este conceito emerge dos estudos sobre os romances e contos de Franz Kafka, escritor de origem tcheca que apresenta ao longo da sua obra, redigida na língua alemã, uma crítica às estruturas dominantes. Para Deleuze e Guattari (2014) a literatura de Kafka não coloca a expressão de maneira abstrata e universal, mas em relação com as literaturas ditas menores.

Assim como, o alemão dos judeus de Praga – língua *desterritorializada* e própria a usos menores – vista na literatura de Kafka, a *literatura menor* surge através de uma língua empregada de modo intensivo dentro de uma língua maior, ou seja, dentro de

uma estrutura oficial e dominante. Esta literatura, no entanto, “não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior” (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 35). Com base nesse contexto, os filósofos apresentam três características da *literatura menor*: (i) a *desterritorialização* da língua, que pode ser compreendida como processos de desconstrução identitária, uma vez que rompe com a tradição e cultura estabelecidos e provoca novos agenciamentos; (ii) a ligação do individual no imediato-político, colocando em evidência o que uma ação menor produz frente a um sistema instituído, cada caso individual constitui um ato político, sendo toda existência menor revolucionária; e (iii) o agenciamento coletivo de enunciação, a fim de reforçar o valor do coletivo, como a passagem do animal à matilha, essa multiplicidade se opõe à lógica individual cada vez mais expandida pelo neoliberalismo.

A potência da *literatura menor* consiste no fato desta ser mais apta a trabalhar a matéria, revelando como exemplo que a memória de uma pequena nação não é mais curta que a de uma grande, portanto ela trabalha muito mais a fundo o material existente (DELEUZE; GUATTARI, 2014). Traçando certa analogia é possível destacar que, assim como na literatura, as obras de arquitetura e urbanismo também se expressam através de uma determinada linguagem, sendo estas pautadas pelas estruturas dominantes, ou seja, pelo contexto do urbano metropolitano e das grandes cidades. Nessa perspectiva, o urbano das pequenas cidades e localidades que compreende uma maioria minorizada pode expressar as características da *literatura menor*, como um certo *devenir-urbano* (DETONI, 2018). Ressalta-se que a compreensão desse *devenir-urbano* não corresponde a um vir a ser do pensamento desenvolvimentista, mas está associada às intensidades e resistências do menor. Como a cidade *menor* apreendida por Vieceli e Lanús (2022) através do festival da mentira realizado em Nova Bréscia no Rio Grande do Sul:

A cidade *menor* é uma outra cidade dentro da cidade. Ela é uma cidade intensiva, viva, que se insinua dentro da realidade conceitual do urbano enquanto produto de um planejamento ou, dentro da realidade material da cidade, como produto de forças e valores de mercado. A cidade *menor*, esse outro urbano, resiste às capturas de um modo de vida reprodutor de automatismos, de fluxos circulatórios, funcionais e utilitários. A cidade *menor* emerge sempre no interior da cidade como ato de resistência e criação, como uma linguagem urbana outra, dentro da linguagem instituída como maior (VIECELI; LANIUS, 2022, p. 63).

Em consonância, também a partir do conceito em questão, a abordagem de Chemello e Cruz (2022) acerca das bordas e transbordamentos no Sertão no Piauí, destaca que só o menor pode ser grande e revolucionário, capaz de desmontar as máquinas colonizadoras de um urbanismo hegemônico. “Ao tratar do sertão como *literatura menor*, pretendemos salvaguardar a multiplicidade desse lugar, nunca reduzi-lo às representações das narrativas do atraso – românticas ou colonizadoras” (CHEMELLO; CRUZ, 2022, p. 92). Em suma, o menor não diz respeito a algo de menos valor, mas sim a força contra-hegemônica, como explicitado por Reyes et al. (2022) no ensaio sobre a experiência de Bacurau (2019), filme brasileiro com direção de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles. A partir do limite da sobrevivência apresentado em Bacurau os autores buscam conflitar os saberes hegemônicos, através da perspectiva daquele que não é priorizado e concluem que a perspectiva do menor encontra na pauta das pequenas cidades um lugar potente de debates.

Esse processo de subjetivação, ato político que marca uma existência, requer forças de um coletivo. Em outras palavras, podemos associar esse processo político às transformações dos processos individuais

⁸ Ver mais em: <https://planurbfaurbufpel.wixsite.com/inicio>

em coletivo, intrínsecas à noção de menor de Deleuze e Guattari (2015). Essa característica do coletivo é produzida, ao mesmo tempo, dentro de um sistema e em oposição a ele. Sobretudo, esse coletivo diz respeito à força de um grupo, visto que um indivíduo sozinho não é capaz de se contrapor a um sistema dominante. Entretanto, através do coletivo, ou seja, da potência do comum e da partilha, é possível resistir (REYES et al., 2022, p. 150).

As literaturas compreendidas como menores, pelas características revolucionárias, coletivas e políticas, estão presentes nas pequenas cidades, também nas pequenas localidades e comunidades. Na Vila Neuma, situada na periferia da cidade de Iguatu no Ceará, Oliveira et al. (2022, p. 214) destacam o “reconhecimento do *saber comum*, da experiência do menor, de poder contar a história e aprender com essas pequenas comunidades”. São diversificados os contextos e perspectivas que têm associado a noção de *literatura menor* em Deleuze e Guattari à materialidade de um outro urbano possível. Embora sejam predominantes na composição do território brasileiro, estes contextos urbanos são abordados em menor proporção nos estudos acadêmicos e nas políticas urbanas nacionais (DETONI, 2018). Contudo, o menor aqui é relacionado à potência contra as lógicas dominantes, presente nas grandes narrativas, nas macropolíticas e nos campos disciplinares.

Em relação, sobretudo a esta última perspectiva, o presente ensaio procura se aproximar do campo da Educação, articulando a noção de *educação menor*, proposta por Silvio Gallo (2008), à área do conhecimento em Arquitetura e Urbanismo. Com base no conceito de Deleuze e Guattari e na perspectiva de Antonio Negri, Gallo diferencia o professor-profeta do professor-militante. O professor-profeta crítico, consciente de suas relações sociais e seu papel político, aquele que age individualmente para mobilizar multidões, anunciando a possibilidade de um mundo novo. O professor-militante, por outro lado, procura produzir a possibilidade do novo dentro das situações vividas, sendo a chave de sua ação a construção coletiva, em meio a luta cotidiana age coletivamente para atingir cada um dos indivíduos. E nessa reflexão destaca que: “Uma educação menor é um ato de singularização e de militância” (GALLO, 2008, p. 65). Uma ação do professor-militante, que assim como a *literatura menor*, busca subverter o sistema, de modo que ele seja veículo de sua própria desagregação.

Paralelamente à educação maior, produzida na macropolítica através de documentos e legislações, observa-se uma face da atividade em arquitetura e urbanismo; e à educação menor fruto de ações da micropolítica, das práticas cotidianas na sala de aula, uma outra face que aparece como uma arquitetura e urbanismo dentro da própria arquitetura e urbanismo. Gallo aponta que o processo de aprendizagem se coloca para além de qualquer controle, escapa e foge do sistema que pressupõem que o ensino corresponde à determinada aprendizagem. É nessas brechas que a educação menor atua, retomando a característica de *desterritorialização da literatura menor*. A ligação do individual no imediato-político acontece em um nível micropolítico, visto que a educação menor é *rizomática* e não busca instaurar uma falsa totalidade ou modelo normativo, se faz como máquina de resistência e não aparelho do Estado. Sobretudo resistindo à cooptação de ser incorporado pelo sistema dominante, para não perder o seu potencial libertário e valor coletivo, como exercício de multiplicidade de uma singularização coletiva.

Resistindo à tendência de compartimentalização do saber do ensino contemporâneo, o curso de Arquitetura e Urbanismo pode ser compreendido como generalista e em contínua transformação. Jantzen et al. (2009) confrontam a lenda de *que projeto de arquitetura e urbanismo não se ensina e não se aprende*. Para tal, os autores articulam a noção de *capital cultural* de Bourdieu, sendo este herdado ou aprendido, como talento

ou dom, através de objetos culturais e de modo institucionalizado. Cabe ressaltar que a herança abordada não diz respeito à natureza genética, mas aos recursos que pautam as condições de acesso e exercício para o cultivo das habilidades com a imaginação.

No percurso da graduação em Arquitetura e Urbanismo o trabalho final ganha destacada importância para os estudantes, professores orientadores e instituições. Pode ser compreendido por alguns como uma oportunidade para o estudante demonstrar o conhecimento construído ao longo do curso, por outros pode expressar uma oportunidade de aprender um pouco mais, de abordar uma inquietação ou contexto que ainda não foi contemplado pelo projeto pedagógico do curso. Para Jantzen et al. (2009) as inquietações teóricas e as estratégias projetuais dos graduandos estão em constante transformação, no entanto destacam que:

Os TFGs [Trabalhos Finais de Graduação], em que pese a grande indefinição de seus critérios de avaliação, precisam atender a algumas normas e exigências mínimas da construção, bem como a alguns conceitos básicos que são reconhecidos pela comunidade dos arquitetos como “saberes correntes”, ou atribuições profissionais gerais (JANTZEN et al., 2009, p. 19).

Sem dúvida esse é um momento de possibilidades e escolhas dos estudantes, muitas vezes o primeiro e o único durante o curso. Para a instituição, além do reconhecimento pelos títulos do concurso Opera Prima no âmbito nacional e do prêmio José Albano Volkmer promovido pelo Instituto de Arquitetos do Estado do Rio Grande do Sul, por exemplo, é um momento de autoavaliação, que fomenta a reflexão sobre que profissionais estão oferecendo para a sociedade. Sendo o papel da banca avaliadora nesse processo o de estar atento a todos os aspectos citados, sobretudo a coerência entre os princípios e objetivos estabelecidos pelos estudantes em relação às proposições do trabalho.

Experiências projetuais em pequenas cidades/localidades

As três experiências projetuais em arquitetura e urbanismo resultantes dos Trabalhos Finais de Graduação (TFG) e Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) que serão apresentadas neste ensaio, foram selecionadas a partir da análise como banca de avaliação interna e externa às instituições. Como ponto em comum, os trabalhos demonstram o conhecimento construído pelos estudantes ao longo do curso, no entanto, se destacam pelas suas inquietações fruto de uma relação *topofilica* com seus contextos geográficos de origem ou de vivência. Sendo esse elo afetivo do estudante com espaço do *menor*, característico das pequenas cidades e localidades, o ponto chave para o delineamento dos objetivos e princípios dos projetos, assim como, para a criação dos programas tanto com ênfase nos espaços abertos (propostas de planejamento, projeto e desenho urbano e paisagismo), quanto para os com ênfase em espaços construídos (arquitetônicos). Nesse sentido, serão destacados os aspectos revolucionários, coletivos e políticos dos trabalhos, de acordo com a noção de *literatura menor*. Uma vez que, em meio a realidade de cada uma das instituições, foi possível observar a atuação de estudantes-militantes, parafraseando Gallo (2008), através da capacidade de criar algo novo dentro das suas próprias situações.

O primeiro Trabalho de Conclusão de Curso selecionado é de autoria da graduanda Joice Schaefer, orientado pelo professor Matheus Gomes Chemello, foi realizado em 2022, no Campus da Região dos Vinhedos (CARVI) da Universidade de Caxias do Sul (UCS). A extensão da instituição para esse campus localizado em Bento Gonçalves-RS tem recebido muitos estudantes das cidades vizinhas, que são predominantemente

pequenas. Fato que reforça a importância de deslocar e aproximar os centros de ensino a outros contextos geográficos. Nessa sessão de banca de avaliação, que contemplou ao todo cinco TCCs, outras pequenas cidades e localidades da região foram dedicadamente abordadas pelos estudantes, no entanto, como exercício de síntese optou-se por destacar São Vendelino, que apresenta uma estimativa populacional de 2.288 habitantes (IBGE, 2021). Município localizado no interior do Estado do Rio Grande do Sul na Região do Vale do Caí, próximo a Serra Gaúcha, distante 40 km de Caxias do Sul.

Joice Schaefer sensível ao contexto do seu município de origem, observou uma perda populacional (rural e urbana) em decorrência da busca por emprego e renda. Nesse sentido, a graduanda elabora o programa arquitetônico para uma cooperativa agrícola (Figura 1), traçando os seguintes objetivos: (i) incentivar o trabalho e a permanência dos agricultores no campo, valorizando a agricultura familiar; e (ii) proporcionar uma fonte de emprego e renda à população urbana e assim sua permanência na cidade. A proposta da *Cooperativa Agrícola Sankt Wendel* reconhece a vocação agrícola, responsável pela maior parte da arrecadação municipal, e procura agregar valor econômico às principais produções locais: milho, feijão e mandioca (Figura 2). Tendo como premissa a valorização da autoestima da população, o projeto contempla além das edificações específicas para os processos de beneficiamento (Figura 3), um espaço destinado à loja e café (Figura 4). Esse lugar de encontro da população e turistas, torna-se propício para comercialização da produção realizada pela comunidade na cozinha industrial que faz parte do complexo projetado.

A relevância desse exercício projetual pode ser atribuída a capacidade da graduanda em articular os saberes fruto do seu cotidiano aos conhecimentos acadêmicos. Esse vínculo, provoca uma dupla *desterritorialização*, tanto na academia que é instigada pelo agenciamento das práticas vividas, quanto pela ruptura com a tradição dessas edificações, geralmente galpões, aquém da disciplina de arquitetura e urbanismo. A potência da criação desse programa arquitetônico, que fomenta um arranjo produtivo, explicita o valor do coletivo, visto na cooperação. Cada posicionamento da graduanda é político, desde a escolha do terreno e as análises dos referenciais, sobretudo a estratégia do exercício formal de composição aliado à técnica construtiva de *steel frame* que propicia os planos de expansão da cooperativa. Cada detalhe é pensado em relação ao todo, como microrrevoluções, por exemplo, as soluções de conforto ambiental e sustentabilidade, ultrapassam os espaços edificados apresentando alternativas paisagísticas, através da especificação das massas de vegetação, da área de horta e da composteira.

O segundo Trabalho Final de Graduação selecionado é de autoria do Gustavo Maciel Gonçalves, foi realizado em 2018, com orientação da professora Ana Paula Neto de Faria, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAURB) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Deslocada do contexto metropolitano do Estado do Rio Grande do Sul (Região Metropolitana de Porto Alegre e Região Metropolitana da Serra Gaúcha), a faculdade que acaba de completar meio século de existência vem abordado o contexto das pequenas cidades e localidades da Região Sul, através do planejamento urbano, do patrimônio histórico, entre outras disciplinas. Nesse contexto, o trabalho em questão se destaca pela proposta metodológica (Figura 5), uma vez que o graduando contempla muitas perspectivas que constituem o saber generalista do ensino de arquitetura e urbanismo. Como por exemplo, o contexto socioeconômico, a análise da configuração espacial em relação à evolução urbana e à medida de acessibilidade, o estudo do ambiente natural como suporte à urbanização, os aspectos da paisagem cultural e de cognição da população residente e visitante, a configuração tipomorfológica das edificações e ambiências urbanas.

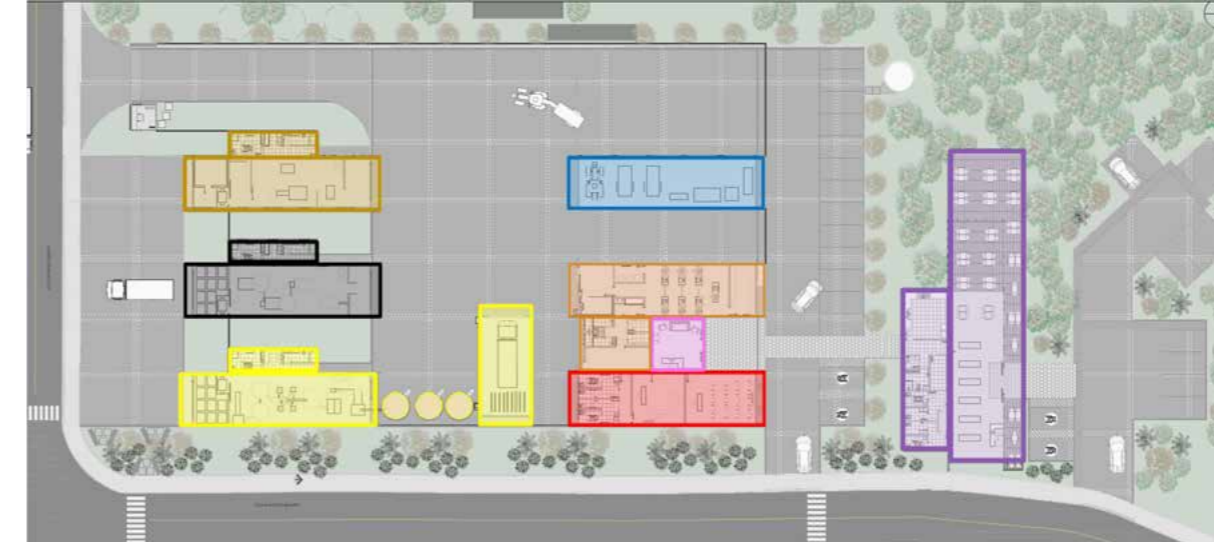


Figura 1 – Zoneamento. Figura 2 – Corte das edificações de beneficiamento. Figura 3 – Imagem das edificações de beneficiamento. Figura 4 – Imagem da edificação da Loja e Café do TCC Cooperativa Agrícola Sankt Wendel. Fonte: SCHAEFER, 2022.

A proposta, intitulada *Ambiente e Cultura – planejamento para assentamento costeiro*, aborda a Colônia de Pescadores Z3, localizada na área rural de Pelotas (RS). Atento às características dessas localidades de pescadores, que têm uma relação utilitária com o ambiente natural e uma grande vinculação cultural, sendo suas paisagens resultados dos modos dessa população ver o mundo a partir de suas referências ambientais e do seu saber fazer artesanal, o graduando procura evidenciar o contexto específico da Z3. Visto que ela tem enfrentado a degradação ambiental e a vulnerabilidade socioeconômica, sendo os principais desafios a crise da pesca na Lagoa dos Patos e a ausência de áreas propícias para expansão urbana. Nesse contexto, Gustavo Maciel Gonçalves constrói um conjunto de diretrizes e propostas em diferentes escalas e temporalidades do planejamento com o objetivo de subsidiar a expansão urbana e promover a melhoria das condições habitacionais, também busca apresentar alternativas socioeconômicas e socioambientais, assim como, medidas de recuperação, preservação e conservação do ambiente natural e do patrimônio cultural.

Inicialmente, numa escala mais abrangente, estabelece o planejamento ambiental urbano e rural (Figura 6), em conjunto com o plano de expansão da malha urbana e o plano de ocupação e enriquecimento ecológico. Em seguida, propõe a implantação de equipamentos urbanos institucionais e de edificações de apoio às atividades produtivas, o zoneamento do uso do solo e a gestão dos espaços livres (Figura 7). Já para a escala da edificação apresenta um detalhado diagnóstico das tipologias arquitetônicas e das condições de visibilidade das vias. Aproximando-se da perspectiva humana observa os modos de apropriação e configuração da paisagem, a presença das festas e dos saberes populares. Esse conjunto de apreensões, resultaram na proposta de um não-desenho urbano (Figura 8), refutando os modelos externos, a fim de reforçar o caráter do lugar e potencializar a sua essência. Essa proposta pode ser compreendida como uma arquitetura-militante, que resiste ao sistema normativo e a falsa solução atribuída às normas técnicas. Desse modo, mantém e promove através da ação micropolítica a liberdade desses sujeitos-coletivo que habitam e configuram a Z3.

O terceiro Trabalho de Conclusão de Curso selecionado é de autoria de Jéssica Machado Seolin, foi realizado em 2020, com orientação da professora Gabriele do Rosario Landim, no Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território (ILATIT) da Universidade Federal de Integração Latino-Americana (UNILA). Sediada na cidade de Foz do Iguaçu, que fica localizada no Estado do Paraná, na região da tríplice fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina, a instituição tem vocação internacional e busca articular os países pertencentes ao Mercosul. A banca de avaliação deste trabalho foi realizada de modo remoto, devido à condição da pandemia da Covid-19, no entanto, a desafiadora tarefa de analisar as tradicionais pranchas pela tela do computador não foi necessária, uma vez que o formato do trabalho corresponde à uma monografia escrita.

Sob o título *A bicicleta como meio de transporte: um estudo sobre o plano de mobilidade a graduanda elaborou uma análise crítica das propostas para a mobilidade cicloviária em Foz do Iguaçu, que possui uma estimativa populacional de 257.971 habitantes (IBGE, 2021), com ocupação predominantemente urbana (99%). O delineamento do processo de pesquisa foi estruturado a partir de uma tabela (Figura 9), na qual destaca-se que além dos estudos com ênfase na cidade em questão, a graduanda apresenta uma detalhada análise sobre a obra *O Brasil que pedala: A cultura da bicicleta nas cidades pequenas* organizado por André Soares e Daniel Guth em 2018. Ao todo foi abordado o contexto de onze cidades com menos de 100.000 habitantes, que abrangem as cinco macrorregiões do país (Figura 10).*

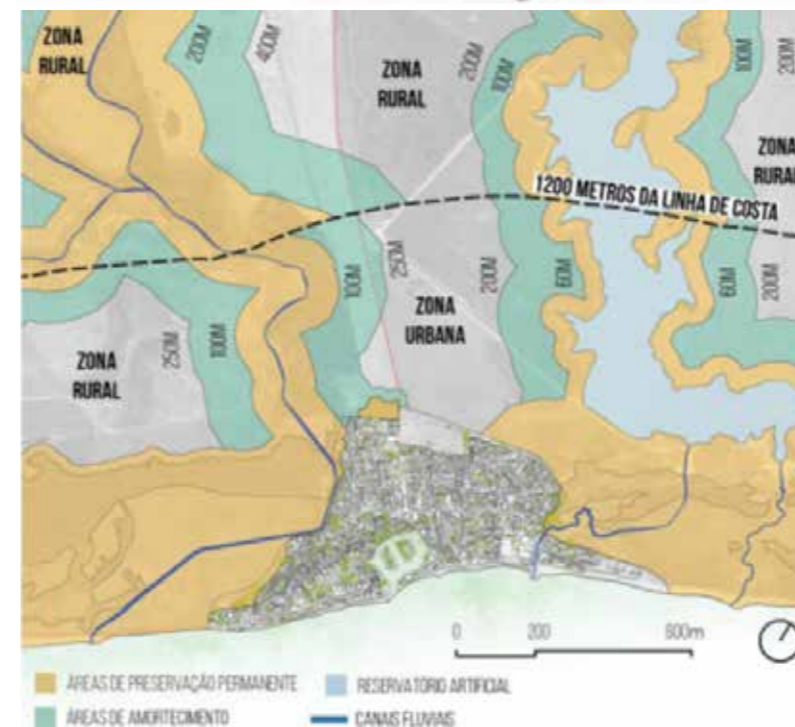
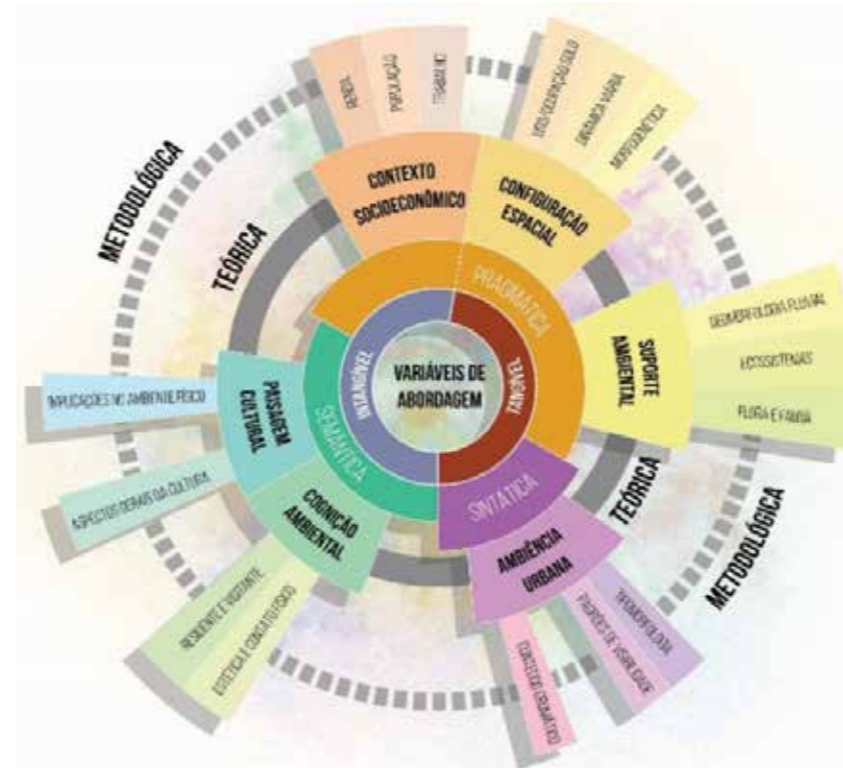


Figura 5 – Abordagem teórico-metodológica. Figura 6 – Zoneamento ambiental urbano e rural. Figura 7 – Implantação de Equipamentos, Zoneamento do Uso do Solo e Áreas Livres. Figura 8 – Premissas do plano de preservação e qualificação da estética urbana com ênfase no viés cultural do TFG Ambiente e Cultura – planejamento para assentamento costeiro. Fonte: GONÇALVES, 2018.

Tema	Mobilidade urbana / mobilidade cicloviária	
Questões	<ol style="list-style-type: none"> 1. Como as diretrizes do Plano de Mobilidade de Foz do Iguaçu podem contribuir para tornar a cidade mais acessível e menos desigual? 2. Quais são as diretrizes de uma cidade em que a bicicleta é uma opção viável de transporte? 3. Como a mobilidade urbana influencia o direito à cidade? 	
Problema	As diretrizes de mobilidade cicloviária, do Plano de Mobilidade Urbana de Foz do Iguaçu, não serem específicas em suas propostas.	
Hipótese	A bicicleta pode se tornar um meio de transporte viável por meio de políticas públicas e diretrizes, específicas que promovam a acessibilidade e o direito à cidade.	
Objetivo Geral	Realizar análise crítica das propostas para a mobilidade cicloviária da cidade com base no Plano de Mobilidade Urbana de Foz do Iguaçu.	
Objetivos Específicos	Fontes de coleta	Produto
1. Levantar o perfil dos ciclistas da cidade de Foz do Iguaçu, evidenciando a percepção dos usuários sobre a mobilidade na cidade.	Questionário online	Dados socioeconômicos a respeito dos ciclistas, além de os motivos de usarem ou não a bicicleta como meio de transporte, e sua percepção sobre a cidade.
2. Investigar diretrizes de mobilidade cicloviária implementadas em outras cidades da região do oeste do Paraná e de escala urbana similar no Brasil.	Levantamento Bibliográfico	Características e diretrizes de mobilidade cicloviária adotadas nas cidades que mais usam a bicicleta no Brasil e em cidades do Oeste do Paraná.
3. Analisar se, e como, as diretrizes presentes no Plano de Mobilidade Urbana de Foz do Iguaçu, contribuem com a mobilidade cicloviária da cidade.	Levantamento Bibliográfico Plano Mobi Foz	Como são as diretrizes do plano de mobilidade e como contribuem na promoção da mobilidade cicloviária na cidade de Foz do Iguaçu.

Desse modo, Jéssica Machado Seolin rompe com a lógica hegemônica do ensino de arquitetura e urbanismo, pautada pelos grandes centros urbanos, ao mostrar que é possível aprender com o urbano das pequenas cidades. Também pode ser observado um tensionamento à macropolítica, uma vez que a Política Nacional de Mobilidade Urbana, regulamentada pela Lei nº 12.587, de 2012, institui a obrigatoriedade do Plano de Mobilidade apenas para os municípios com mais de 20.000 habitantes, entre outras condições como pertencer a regiões metropolitanas ou apresentar interesse turístico, parâmetros que excluem a grande maioria do território nacional. Nessa reflexão teórico-metodológica emerge a noção de *educação menor*, visto a possibilidade de aprender e ensinar com e para as pequenas cidades e localidades.

Com base nos trabalhos apresentados, cabe ressaltar, a atenção dos graduandos com a perspectiva social, da existência de um poder local, como visto no exercício da arquitetura e urbanismo em Conde/PB (TAVARES et al., 2022). Nesse sentido, Joice Schaefer (2022) apresenta, através de uma observação participante, os problemas e habilidades da população da pequena cidade de economia agrícola. Gustavo Maciel Gonçalves (2018) elabora um material informativo a fim de realizar a fase inicial de implementação da proposta e dar um retorno à população da Colônia de Pescadores Z3. São quatro encartes: a paisagem natural, a paisagem cultural, os saberes fazeres e



Figura 10 – Mapa das pequenas cidades abordadas na obra O Brasil que Pedala. Fonte: SEOLIN, 2020.

as pequenas casas. E Jéssica Machado Seolin (2020) trabalha com questionários online, para compreender o perfil dos ciclistas, suas motivações para o uso desse modal e os problemas que estes enfrentam. Através das 242 pessoas respondentes, pode-se abranger uma significativa diversidade de gênero, raça e de bairros de Foz do Iguaçu.

Os três trabalhos descritos além de proporcionar uma discussão sobre o contexto das pequenas cidades e localidades, combatem com certa utopia que incide sobre esses lugares como ideais para viver, uma vez que revelam seus desafios. Contudo, apesar da condição marginal às práticas de arquitetura e urbanismo, os graduandos apontam a necessidade de planos e projetos nesse contexto urbano, singular e múltiplo. Sem a ingenuidade ou a soberba de achar que as propostas representam uma solução única, ou que essas serão capazes de superar todos os problemas identificados.

Um outro urbano possível

A pequena amostra de experiências projetuais apresentadas neste ensaio contemplou um TCC de projeto arquitetônico, um TFG de planejamento e projeto urbano e um TCC de pesquisa monográfica. Nota-se que muito mais poderia ser comentado sobre

essa diversidade, assim como sobre cada um dos trabalhos e seus desdobramentos, por isso registra-se a sugestão de consultá-los na íntegra. Com atenção voltada à potência do *menor*, vista na *literatura menor* e na *educação menor*, a condução dos graduandos permite viagens por diferentes contextos geográficos e impulsiona múltiplos aprendizados que se apropriam e valorizam um outro urbano possível.

Com o primeiro trabalho apresentado, localizado em São Vendelino, procurou-se evidenciar as fragilidades e potencialidades do contexto de uma típica cidade pequena do interior do Estado do Rio Grande do Sul, cuja atividade econômica é predominantemente agrícola. Através do segundo trabalho, que apresenta a singularidade de uma pequena localidade de pescadores situada na área rural de Pelotas, cidade média da Região Sul do Estado, foi possível observar a existência de simulacros do menor, das pequenas cidades, em municípios com maior porte demográfico. Por fim, o terceiro trabalho diz respeito à alternativa da urbanização e dos modos de vida das pequenas cidades brasileiras servirem de referência para os grandes centros, como visto nos estudos do plano de mobilidade para Foz do Iguçu.

Aponta-se que, ao longo de aproximadamente uma década de dedicação pessoal aos estudos sobre um outro urbano, associado à temática das pequenas cidades, é notório a crescente pujança dessa pauta nas agendas de pesquisa. Contudo, esse aumento ainda não corresponde às demandas desses territórios repletos de singularidades. Ressalta-se que as práticas de Arquitetura e Urbanismo, situadas dentro do campo das ciências sociais aplicadas, só têm sentido quando estão vinculadas com o desenvolvimento daquilo que já existe no lugar. Nesse sentido, o presente ensaio fomenta a ideia de pensar o menor como um processo de singularização, assim os trabalhos abordados podem ser vistos como dispositivos para a produção de mundos menores e intensivos.

É preciso ressaltar que este exercício de escrita está carregado de saudosismo. Uma vez que, a partir da oportunidade de escolha da autora sobre o sujeito-objeto de estudo para o seu Trabalho Final de Graduação, realizado sob orientação da professora Ana Paula Neto de Faria, em 2014, na FAURB/UFPEL, foi possível voltar a atenção para uma realidade distante do que até então estava sendo abordado com mais ênfase na academia. Desde então, a pequena cidade de origem Itatiba do Sul/RS tem sido um oráculo (DETONI, 2018). No entanto, ao longo das atividades de análise como banca avaliadora, de mais de 80 TFGs e TCCs, emergiram outros tantos conhecimentos e inquietações. Apesar do número de trabalhos avaliados, o exercício de seleção necessário para a presente escrita não foi uma tarefa difícil, devido à excelência dos trabalhos apresentados. Porém cabe ressaltar que outros tantos trabalhos poderiam e deveriam ser destacados.

Fundamenta-se a importância de aprender e ensinar com e para os espaços mikripolitanos. Cabe ressaltar, que os trabalhos apresentados não dizem respeito a modelos ou procedimentos projetuais que devam ser seguidos como receituário. Microrrevoluções acontecem na transformação da subjetividade, desse modo, as práticas de Arquitetura e Urbanismo podem inventar outros modos de ver o mundo que estejam mais vinculados aos agenciamentos de um lugar do que fazer reterritorializar a axiomática hegemônica sobre os territórios menores.

Agradecimentos

Aos estudantes, professores e instituições que oportunizam esses momentos de aprendizagem através da participação em bancas de avaliação dos TFGs e TCCs.

Referências

BRASIL. [Estatuto da Metrópole]. *Lei nº 13.089*, de 12 de janeiro de 2015. Institui o Estatuto da Metrópole. Brasília: Presidência da República, 2015.

BRASIL. [Política Nacional de Mobilidade Urbana]. *Lei nº 12.587*, de 3 de janeiro de 2012. Institui as diretrizes da Política Nacional de Mobilidade Urbana. Brasília: Presidência da República, 2012.

BRASIL. [Regiões Metropolitanas]. *Lei Complementar nº 14*, de 8 de junho de 1973. Estabelece as regiões metropolitanas de São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Salvador, Curitiba, Belém e Fortaleza. Brasília: Presidência da República, 1973.

CHEMELLO, Matheus Gomes; CRUZ, Patricia Fernanda de Sousa. "CIDADE ACABA COM O SERTÃO. ACABA?": Sobre bordas e transbordamentos de um lugar-sertão no Piauí. *Pixo – Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade*, v. 6, n. 20, 2022, p. 88-103. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/pixo/issue/view/124>. Acesso em: 28 fev. 2023.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

DETONI, Luana Pavan. *Cidades pequenas: território de um devir menor na contemporaneidade*. 2018. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas-RS, 2018. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/5360>. Acesso em: 28 fev. 2023.

ENDLICH, Angela Maria; DETONI, Luana Pavan. Editorial Cidades Pequenas I. *Pixo – Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade*, v. 5, n. 19, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/pixo/issue/view/123>. Acesso em: 28 fev. 2023.

ENDLICH, Angela Maria; DETONI, Luana Pavan. Editorial Cidades Pequenas II. *Pixo – Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade*, v. 6, n. 20, 2022. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/pixo/issue/view/124>. Acesso em: 28 fev. 2023.

GALLO, Sílvio. *Deleuze e a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GONÇALVES, Gustavo Maciel. *Ambiente e Cultura – planejamento para assentamento costeiro*. 2010. Trabalho Final de Graduação. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas-RS, 2018. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/tfonline/>. Acesso em: 28 fev. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Estimativas da população residente para os municípios e para as unidades da federação*. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.

JANTZEN, Sylvio Arnoldo Dick; SILVEIRA JUNIOR, Antonio Carlos Porto; FERNANDES, Gabriel Silva. *É possível (aprender e ensinar a) projetar*. Pelotas: Editora UFPel, 2009.

MIKRIPOLI. Rede de Pesquisadores sobre Cidades Pequenas. *Por uma Geografia Urbana mikripolitana!* 2021. Disponível em: https://issuu.com/mikripoli/docs/por_uma_geografia_urbana_mikripolitana. Acesso em: 28 fev. 2023.

NEVES, Rafael Moreira; FARIA, Teresa de Jesus Peixoto. O estado da questão da produção acadêmica recente sobre o urbano nas cidades pequenas: análise de teses e dissertação (2009-2018). *Geografia Ensino e Pesquisa*. Santa Maria. V. 24, e. 11, 2020, p. 1-32. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/geografia/article/view/39124>. Acesso em: 28 fev. 2023.

OLIVEIRA, Mariana Araújo de; CARVALHO, Manuela Cristina Rêgo de; SOBRINHA, Maria Dulce Picanço Bentes; ATAÍDE, Ruth Maria da Costa. URBANISMO TÁTICO E A EXPERIÊNCIA DO MENOR: Ações colaborativas na Vila Neuma, Iguatu, Ceará, Brasil. *Pixo – Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade*, v. 6, n. 20, 2022, p. 198-217. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/pixo/issue/view/124>. Acesso em: 28 fev. 2023.

REYES, Paulo; DETONI, Luana Pavan; BITTENCOURT, Lucas Boeira; FERNANDES, Gabriel Silva Lopes. BACURAU: Uma experiência estética e política acerca do menor. *Pixo – Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade*, v. 6, n. 20, 2022, p. 144-157. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/pixo/issue/view/124>. Acesso em: 28 fev. 2023.

RORATO, Geisa Zanini; DETONI, Luana Pavan; FACCIN, Carolina Rezende. Cidades Pequenas no contexto do Ensino Superior: relato de experiência da disciplina de Sistemas de Informações Geográficas em Urbanismo. *Anais do SINAPEQ*. Campo Grande: UEMS, 2022, p. 334- 356. Disponível em: <https://eventos.uems.br/pagina/p/simposio-nacional-sobre-pequenas-cidades/anais>. Acesso em: 28 fev. 2023.

SANTOS, Milton. *Espaço e sociedade*. Petrópolis: Vozes, 1979.

SCHAEFER, Joice. *Cooperativa Agrícola Sankt Wendel*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Campus da Região dos Vinhedos (CARVI) da Universidade de Caxias do Sul (UCS), Bento Gonçalves-RS, 2022.

SEOLIN, Jéssica Machado. *A bicicleta como meio de transporte: um estudo sobre o plano de mobilidade de Foz do Iguaçu*. 2020. 113 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu-PR, 2020.

SOARES, André; GUTH, Daniel. *O Brasil que pedala: A cultura da bicicleta nas cidades pequenas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Jaguaritica, 2018.

TAVARES, Flávio; VIALLE, Clément; LUCEMA, Márcia; MONTEIRO, Raissa; MONTENEGRO, Susana; STAEL, Talita. *Agir local: gestão territorial e democracia, uma experiência em Conde – Paraíba – Brasil*. João Pessoa-PB: Instituto Território, 2022.

VIECELI, Ana Paula; LANIUS, Eduardo. CIDADE MENOR E A MAIS ALTA POTÊNCIA DO FALSO: “Vem mentir em Nova Bréscia”. *Pixo – Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade*, v. 6, n. 20, 2022, p. 62-87. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/pixo/issue/view/124>. Acesso em: 28 fev. 2023.